

Transcrição da Entrevista de Piero Reis

Passou a sua infância e juventude em Teglio Veneto, uma aldeia no Norte da Itália. Leitor e bibliófilo, entusiasta de arte, antiguidades. Visitou muitos países nos quatro continentes, mas onde ele se sente em casa é em Moçambique. Piero Reis é casado com Martina e têm dois filhos gémeos, Edoardo e Margherita, nascidos em 2010.

P: Sabemos que é não é formado nas artes, como chegou a ter essa paixão pelas artes?

PR: Foi por acaso na minha primeira viagem de trabalho em Moçambique comprei uma obra na rua que era como uma lembrança daquela primeira viagem. Depois passei diante do núcleo da arte que ainda não sabia o que era e fiquei apaixonado pelos quadros que ali estavam, então comecei comprei mais obras depois de alguns anos consegui chegar na colecção que agora tenho ali na minha casa em Veneza.

P: Como chega em Moçambique?

PR: Eu sou advogado e naquela altura eu censurava uma companhia ítalo portuguesa que estava a fazer um investimento a que na área da agro-indústria, vim aqui para assessorar aquela companhia para negociar com o governo e este trabalho durou ao longo de 10 anos. Costumava vir cá cinco ou seis vezes por ano, sempre comprava umas obras.

As primeiras obras que comprei na rua, eram do Falcão e este, fez me conhecer mais artistas do Núcleo de Arte. Muitos deles tornaram-se amigos, o Bono Madlante (falecido), o Nhoguene, etc. Tenho minha colecção onde todos estão representados.

P: Antes de Moçambique, tinha essa paixão das artes quando viajasse para outros países?

PR: Não, eu tinha por cultura devido a minha família que estava apaixonada pela arte antiga. Ela tinha móveis e quadros antigos, eu em particular me apaixonei pela arte moderna de Moçambique.

P: Quando chegou aqui em Moçambique houve por acaso alguns choques culturais pela forma como o italiano vive e como o moçambicano vive?

PR: São povos diferentes. Quando vim na primeira viagem fiquei um pouco surpreso pela amabilidade do povo moçambicano. Era muito parecido com os italianos, a forma como o moçambicano aceita os estrangeiros, me fez sentir em casa.

P: Então como um colecionador italiano, quais são as semelhanças e diferenças entre a arte antiga italiana e arte moderna moçambicana?

PR: Bom claro que são muito diferentes. Aquilo que me impressionou da arte moçambicana foi a sua modernidade. A arte contemporânea, é muito nova, teve aquilo que para mim não é fácil falar em português. Ela tem a cultura do tribalismo, uma cultura ancestral que transita no mundo moderno. Então a arte moderna é uma arte muito jovem mas que nasce de muito longe. Os artistas plásticos moçambicanos misturam as duas artes, a antiga com a mais recente.

P: Estamos perante uma exposição, qual é o contexto dela?

PR: Esta tem muitas obras bonitas, ontem apresentamos um livro feito por Titos Pelembe, artista e curador moçambicano. O livro é inspirado na minha colecção, esta exposição tem obra de muitos artistas que estão representados na minha colecção. Foi a ideia de Titos, de se criar uma exposição que representa os artistas que eu tenho aqui Itália

P: Como manteve o primeiro contacto com Titos?

PR: Titos antes da pandemia estudava em Portugal. Ele tinha um canal na Internet com entrevistas a artistas moçambicanos na Diáspora. Eu comecei a olhar aquelas transmissões e intervi em alguma delas. Fiz algumas perguntas e comentários, o que despertou Titos. Neste sentido, ele pediu uma entrevista comigo sobre a coleção. Este foi o primeiro contacto e depois conversamos sobre arte. Na minha opinião, a arte moçambicana deve ser conhecida e mais divulgada em Moçambique e no estrangeiro. Tivemos juntos a ideia de fazer um livro. Inicialmente seria um catálogo da minha coleção. Depois de dois anos de trabalho, Titos chegou fez um ensaio sobre a arte moçambicana inspirado na minha colecção.

P: Houve uma exposição idêntica a esta na Itália?

PR: Na Itália só em Veneza onde eu moro, há uma galeria que trata de arte africana. Fiz numa exposição, tive obras de Kutchea, que está representado, mas nada de específico sobre a arte moçambicana. Espero conseguir fazer uma exposição como esta, dedicada somente aos artistas moçambicanos. Os moçambicanos para mim são muito bons e tem uma arte muito boa, merecem ser conhecidos pela sua arte.

P: Porquê o título da exposição “De Maputo a Veneza” e não Maputo a Roma?

PR: Eu moro em Veneza a colecção está em Veneza. Então é por isso, a arte é trazida a Maputo partindo de Veneza. Digo que a colecção está em Veneza, em minha casa e sou a origem do título.

P: Ao longo dos 30 anos que está em Moçambique, alguma vez colaborou com uma instituição Moçambicana?

PR: Sim, com o Ministério da Agricultura como uma identidade que tratava sobre o crescimento do sector agrícola. O que fizemos naquele tempo, nós tivemos um cliente que estava a assessorar e a construir duas ou três escolinhas. Neste aspecto, tive contacto com o grupo de Núcleo de Arte, começamos a pintar com os artistas do Núcleo e criamos um intuito de divulgar a arte plástica.

P: Temos o Projecto ITALOMOZ, que visa mostrar o histórico da Cooperação entre Itália e Moçambique. Desde que está em Moçambique, conseguiu sentir uma Cooperação sobre a Itália e Moçambique sobre o sector das artes?

PR: Agora sim, neste último ano, tenho notado que parte dos italianos que estava cá e também da parte da Embaixada da Itália, estão a fazer muito neste Sector. Espero que continue assim e que muitas Embaixadas apoiem o sector da arte moçambicana.

P: Falando da Embaixada da Itália, qual é sua ligação com ela?

PR: Eu sei que a Embaixada está agora a financiar e a gerir a reforma do Museu da História Natural que também é um bom museu. Esta, ainda tem programa de fazer a reabilitação do Museu Nacional de Arte, para mim seria muito bom porque este museu é muito interessante e muito pouco conhecido. Merece ser reformado de modo a ter mais publicidade de modo a se divulgar a arte. Isto pode ser útil também para ajudar a economia. Os visitantes do museu levam dinheiro que reverte para o Estado.

P: Qual é o critério padrão que segue na arte moçambicana de modo a fazer parte da sua colecção?

PR: Comecei as primeiras coisas com peças de madeira, máscaras de Mapiko. Quando conheci o Núcleo, comecei a apreciar a arte plástica, os quadros. Não tinha nenhum critério de selecção, as obras que gostava comprava. Foram todas aquisições muito

extensivas, foi depois que o Titos Pelembe, com este livro conseguiu dar uma visão antológica a colecção, que nasceu só espontânea.

PP: Já teve na sua colecção uma obra de Albertina Lopes?

PR: Não, falta-me da Albertina Lopes. Ela foi uma grande pintora e muito importante na Itália. Ela levou a cultura moçambicana para Itália. Eu quero ter uma obra dela, tenho uma obra de Malangatana. Gosto das obras do Manqueu, do Chissano, do Mucavele, artistas fantásticos. Falta-me da Albertina, quero conhecer as obras dela.

P: De todo este processo, qual é a sua opinião em relação a cultura em Moçambique?

PR: Bom então Moçambique tem muitas coisas e muito interessantes no âmbito cultural. Não só pintura, há muitos bons escritores, muitas danças como é o caso do Mapiko. Todas as danças étnicas são importantes e a dança Mapiko é o caso mais espectacular que até é considerada como património mundial da Unesco. Deve-se puxar os jovens moçambicanos a apreciar a arte em todos os sectores. Quando comecei a frequentar o Núcleo de Arte, nas galeria só podia ver os artistas e estrangeiros. Poucos moçambicanos apreciam a arte do País, até os hotéis tem comprado quadros destes artistas. No hotel onde estou agora, há quadros de artistas como Mucavel. Por se expandir cada vez mais o Hotel, comprou mais 50 quadros dos artistas.

Penso que o Ministério da Cultura, através da pessoa da Ministra Eldevina Materula, está trabalhado muito bem neste sentido, puxando os jovens a apreciar a arte. O artista precisa de dinheiro e um trabalho, todos devem viver a arte na alma. O artista é que chama o mercado, ele pode usar intermediários que também querem ganhar.

P: Qual é o quadro desta exposição que mais falou consigo?

PR: Adoro este quadro [apontando para o quadro do Caxe-caxe] e aquele ali no fundo [apontando o do Mucavel]. O quadro de Mucavel é fantástico, infelizmente o Museu não vende. Todos quadros são muitos bons, se eu poder escolher um ou dois para levar para minha casa, prefiro o do Mucavel e do Caxe-caxe.

P: Piero Reis, estamos perante [o quadro de Mucavel] um dos quadros que te entusiasma. Podes fornecer mais detalhes?

PR: Aquilo que o artista conseguiu, na minha opinião representa na primeira olhada, a Itália. Olhando bem na luz, tem as figuras que representam a vida da lei e das pessoas. O que gosto em muitas das obras que tenho, é que representa, de maneira diferente o que vejo na rua. Esta sensação de ver a vida nas aldeias, nos campos, na companhia moçambicana, deixa-a muito mais simples. É um quadro muito perfeito, infelizmente não é possível leva-lo à para Veneza e não sei se consigo encontrar uma obra do mesmo autor que se assemelha a esta.